



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

A CONSTRUÇÃO DE UM “LUGAR DE MEMÓRIA” DIGITAL DOS BOMBEIROS MILITARES CATARINENSES COM USO DA WIKI

BUILDING A DIGITAL "PLACE OF MEMORY" USING WIKI FOR THE SANTA CATARINA FIREMEN MILITARY

Marchelly Pereira Porto¹, Gisela Eggert-Steindel²

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Este artigo é parte da pesquisa de mestrado em Gestão de Unidades de Informação (UDESC) que teve como objetivo a construção de um protótipo de “lugar de memória” digital do efetivo do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina com o uso de ferramenta colaborativa na internet. A investigação foi realizada em uma unidade da instituição, o Centro de Ensino Bombeiro Militar. A Rede de memórias, nome do protótipo em questão, foi desenvolvida como um produto da Biblioteca CBMSC. Para o desenvolvimento da pesquisa foram abordados os conceitos de estudiosos das áreas da História, da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, e conceitos relativos a colaboratividade no âmbito da internet. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, com caráter teórico-empírico, apoiada por pesquisa bibliográfica e documental. Utilizou-se também a história oral, na qual bombeiros militares foram entrevistados a fim de produzir, com os seus relatos, o conteúdo da Rede de memórias. Nos ciclos finais da pesquisa-ação foi desenvolvido o produto para a Biblioteca CBMSC utilizando um software wiki. A investigação permitiu conhecer a instituição, reunir conteúdos que possibilitaram a elaboração do protótipo e estabelecer diretrizes para a elaboração da Rede de memórias. Acredita-se que o uso do wiki propicia um ambiente colaborativo necessário para o registro da memória individual e coletiva do efetivo do CBMSC, bem como para a sua história.

Palavras-chave: Memória coletiva. Lugar de memória. Wiki. Memória - Bombeiros Militares de Santa Catarina.

Abstract: *This article is part of a master's research in Information Units Management (UDESC) which aimed to build a prototype of a digital “Place of Memory” for the Military Fire Department Staff of Santa Catarina (CBMSC) by using a collaborative tool on the Internet. The research was conducted within a information unit at the Educational Center of Military Firefighters (EMBC). The Network of Memories, name of the prototype, was developed as a product for the CBMSC Library. In*

¹ Mestre em Gestão de Unidades de Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina, Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP 2005), mestre em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais, especialista em Informação Industrial pela Universidade Federal de Santa Catarina na qual também graduou-se em Biblioteconomia e Documentação.

order to develop the research, a number of concepts of scholars from the fields of History, Library and Information Science were addressed, as well as concepts related to colaborativity on the internet. The methodology used for this study was the action-research with theoretical and empirical purposes, supported by bibliographical and documental research. Oral history was used as well, as when firefighters were interviewed in order to produce, based on their reports, the contents of the Network of Memories. At the final cycles of the action-research, the product for the CBMSC Library was developed using a wiki software. The research allowed knowing the institution, gathering content that made possible to develop the prototype and establishing guidelines for the creation of the Network of Memories. We believe that the use of the wiki can provide a necessary collaborative environment for the registration of both collective and individual memories of the CBMSC staff, as well as its own history.

Key-words: *Collective Memory. Place of Memory. Wiki. Memory - Military Firefighters of Santa Catarina.*

1 INTRODUÇÃO

O Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (CBMSC), instituição de serviço de segurança pública, é formado por homens e mulheres engajados em exercer atividades de prevenção e salvamento. Cada um desses indivíduos carrega sua própria história e também a memória da instituição a qual pertence, enquanto profissional.

No entanto, quando se trata da questão da sua memória e história, verificamos uma lacuna de registros, o que dificulta que a memória coletiva desse grupo seja preservada, divulgada e apropriada por aqueles que desejam conhecer a trajetória, os personagens e acontecimentos do CBMSC.

Grande parte dessas memórias, que se consideram como patrimônio cultural, está dispersa nos indivíduos que fazem parte dessa comunidade. Assim, entende-se que o patrimônio do CBMSC é formado por pessoas, fatos e lugares, constituindo a sua história e identidade.

Embora esteja relacionada ao passado, a memória constitui-se no corpo presente, uma vez que ela interfere no curso atual das representações. O seu registro e compartilhamento permite que as futuras gerações possam ter acesso a história, cultura, costumes e eventos de um determinado período ou grupo. Além disso, a memória é um elemento essencial da identidade, seja ela individual ou coletiva. (LE GOFF, 2003; BOSI, 2003).

Para ser entendida como um fenômeno coletivo e social, como algo construído coletivamente, faz-se necessário entender a sua formação a partir da memória individual, que entrelaçada com as memórias de outros indivíduos em diferentes vivências, é submetida a transformações e mudanças constantes.

Devido essa volatilidade, pode-se dizer que a memória humana é seletiva, lacunar e falível. Portanto, registrá-la não é uma ação natural ou espontânea, sendo necessária a criação de “lugares de memória”, ou seja, espaços físicos materiais ou virtuais que servem de suporte para formar uma memória coletiva imaterial (NORA, 1993; SILVEIRA, 2007). Atualmente os “lugares de memória” virtuais são capazes de registrar, armazenar e compartilhar a memória, a exemplo das ferramentas na internet, que tem como essência a colaboração e o compartilhamento, permitindo democratizar os registros históricos.

Em decorrência das experiências na Biblioteca CBMSC, de buscas provenientes das pesquisas dos interagentes e de observações pessoais quanto às fontes de informação relacionadas a memória, percebemos que há uma lacuna nos registros históricos da corporação. Além de raros livros que contribuem para tais registros, há a dificuldade de acesso aos documentos em que se poderiam obter essas informações.

Desta forma questionamos como a Biblioteca poderia contribuir para a construção de um “lugar de memória” desse grupo utilizando ferramentas da internet.

Considerando a distribuição dos bombeiros em diferentes municípios catarinenses, o crescente uso de softwares colaborativos na internet e suas possibilidades tecnológicas para a criação de conteúdo, o objetivo deste artigo é apresentar a proposta de um protótipo de “lugar de memória digital” com o uso de uma ferramenta colaborativa na Biblioteca CBMSC.

Para tanto buscamos conhecer a estrutura organizacional e administrativa do CBMSC; elaboramos um levantamento sobre a memória do bombeiro por meio de pesquisa documental e história oral; implantamos em uma plataforma colaborativa um cenário para absorção do conteúdo obtido pelo grupo do Centro de Ensino Bombeiro Militar (CEBM); unidade escolhida como recorte da instituição; e definimos estratégias e diretrizes para o uso e divulgação da ferramenta colaborativa. Este protótipo foi nomeado como “Rede de memórias”, em alusão a combinação da internet com as “malhas” da memória, em que as memórias individuais se entrelaçam para formar a coletiva.

Por entender a Biblioteca desta instituição de segurança pública como um lugar de aprendizado, de construção do conhecimento, a experiência profissional e as inquietações inerentes as necessidades dos usuários, partiu-se do pressuposto que essa biblioteca é também um “lugar de memória. Ligando essas ideias, vislumbramos a possibilidade de criar um lugar digital de memórias que, de forma colaborativa, as pessoas contribuíssem com as informações que só estes possuem a partir das suas experiências na corporação e em muitas situações eles mesmos têm necessidade em recuperar quer como dado, informação ou referências simbólicas do seu trabalho como bombeiros.

2 UMA ORIENTAÇÃO TEÓRICA: LUGARES DE MEMÓRIA

A memória é um tema multidisciplinar e estudá-lo requer inteirar-se sobre as áreas do conhecimento em que ele se encontra para, enfim, delimitar o campo a ser pesquisado. Portanto, procuramos entender os conceitos, origens e o que já foi desenvolvido na área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, além de conhecer projetos criados por instituições ou empresas que serviram de modelo para o desenvolvimento da Rede de memórias.

Seguindo os conceitos de Le Goff (2003), podemos dizer que a memória é o ato de conservar certas informações, ou que é um conjunto de funções psíquicas que garantem que o homem possa atualizar impressões ou informações passadas. A identidade, individual ou coletiva, é formada por essa memória e que a sua busca é atualmente uma das atividades dos indivíduos e das sociedades.

Embora esse conceito pareça ser algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, Halbwachs (apud POLLAK, 1992, p. 201) enfatiza que “a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes”.

Em pesquisas desenvolvidas no início do século XX, Maurice Halbwachs (2004), propôs o conceito de memória coletiva que enfatiza a combinação de memórias individuais de pessoas que pertencem a uma mesma comunidade, pois o indivíduo só é capaz de lembrar se estiver inserido em um determinado contexto e grupo.

As interações, que formam as relações sociais dos indivíduos ou com a comunidade são importantes para a construção da memória, já que no processo de seleção a lembrança é incompleta ou parcial, e ainda há a interferência do tempo presente. Porém, esse grupo não serve só como testemunho, reforçando e completando as memórias. É preciso que as memórias individuais tenham pontos de contato e não sejam adversas, pois para que a lembrança seja recordada é necessário que seja reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2004).

Outra característica importante do conceito de memória diz respeito a sua volatilidade. Para Henriques (2014) as memórias são sempre construídas no presente, a respeito de um passado, mas que se ancora no futuro. Ela afirma que o indivíduo, ao contar e recontar episódios de sua vida, entra em um processo ficcional, já que não é possível recordar e registrar fatos exatamente de acordo como aconteceu, mas o que restou de lembrança e esquecimento do que se passou.

Portanto, quando se discute acerca de memória, faz-se referência em respeito a vestígios, ou representações da realidade, já que toda memória é, primeiramente, a “faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada” (POMIAN, 2000 apud HENRIQUES, 2014, p. 38). Logo, a construção do passado é imperfeita, pois é marcada por dúvidas.

Quanto ao compartilhamento da memória, Casalegno (2006) afirma que a memória coletiva é concebida quando “toda a coletividade pode acessá-la e nutri-la, porque são os indivíduos que participam de sua criação”. Outrossim, é importante:

[...] promover a partilha da memória cotidiana e informal, além de buscar tornar acessível não apenas a memória histórica, formal (importante, certamente), mas também a memória vivida e interpretada pelos seres humanos (CASALEGNO, 2006, p. 21).

Murguia (2010, p. 7-8) ressalta que “lugares, pessoas e conhecimentos são lembrados porque inúmeros outros são esquecidos” e com isso há uma inquietação de opiniões dentro da memória acerca do que deve ser lembrado, ou seja, preservado. O autor ainda afirma que “toda

memória, oficial ou não, precisa de um enquadramento, de uma organização para que possa vir a ser um elemento importante na formação de identidades”.

Essa organização ou esses espaços podem ser chamados de “lugares de memória”, conceito criado pelo historiador Pierre Nora (1993). O autor apresenta o conceito chave que é usado nessa pesquisa: “lugares de memória” como espaço físico material usado como suporte para formar uma memória coletiva imaterial.

A partir do conceito de Nora, Silveira (2007, p. 44) argumenta que os “lugares de memória” são formados para “servir de apoio à salvaguarda da materialidade simbólica concebida como elemento de representação coletiva”, já que a memória humana é seletiva, lacunar e falível. Nora (1993, p.14) de modo emblemático lembra que quanto “menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através dela”. Literalmente afirma:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. [...] valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado (NORA, 1993, p. 13).

Eles nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários e organizar celebrações, preservar monumentos, santuários e demais lugares onde se ancora e se exprime a memória coletiva, porque essas operações não são naturais. A partir disso é possível romper as determinações do tempo e espaço, como afirma Halbwachs (NORA, 1993; CASTRO, 2006).

Ainda sobre a necessidade de criação desses espaços, Murguia (2010) afirma que diante as mudanças decorrentes da sociedade industrial, a transmissão da memória coletiva perdeu seus canais. Ele explica que “os lugares de memória” assumiram diferentes funções:

Esses espaços podem ser simbólicos[...] ou físicos. Os espaços da memória têm assim, uma dupla função: simbólica, no sentido de representar dentro de uma cidade ou espaço dedicado à recordação social; uma função informacional, no sentido de lembrar os acontecimentos, pessoas e lugares que realmente existiram e cujas provas podemos encontrar nesses lugares. Pautados nessas considerações, entendemos **arquivos, bibliotecas e museus como lugares de memória**, mas consideramos também que o entendimento de cada um deles a respeito da memória, devesse ser aproximado, num encontro no qual, múltiplos olhares sobre o tema fossem apresentados (MURGUIA, 2010, p. 8-9, grifo nosso).

Na proposta desse trabalho, a biblioteca tem um papel particular para a construção do espaço virtual de memória. A Biblioteca CBMSC já exerce a função informacional ao preservar e disseminar na corporação a sua produção científica. Mas, por ser um “lugar de memória”, ela

tem potencial para desenvolver ainda mais produtos ou serviços para dar suporte à memória desse grupo.

Neste sentido, Silveira (2007) concorda ao dizer que as bibliotecas por terem a missão de preservar, organizar e disseminar os elementos culturais e os saberes, fazem com que este “lugar de memória” se torne um instrumento de reafirmação da "identidade" individual ou coletiva. Ainda de acordo com o autor, as bibliotecas:

São lugares que nutrem e valorizam nossa cultura e nossa memória coletiva, além de nos permitir manter vivos os elementos que definem as bases conceituais daquilo que entendemos por identidade, seja esta nacional, local ou individual. Em suma, elas se constituem como um “lugar de memória” porque auxiliam à preservação e à sobrevivência de uma determinada cultura ao longo de seu transcurso histórico (SILVEIRA, 2003, .44-45).

Além da função de preservação, as bibliotecas, de acordo com Castro (2006, p. 13) tem o papel da criação e compartilhamento da memória de uma comunidade. Para tanto, o autor afirma que:

[..]a biblioteca é um “lugar de memória” e espaço de armazenamento das materialidades textuais produzidas em tempos e localidades diversos e que desempenha, mesmo com todo avanço tecnológico, o papel de guardião do conhecimento. Não no sentido de guardar para si o patrimônio material e imaterial produzido por homens e mulheres do passado, mas de, através dele, possibilitar o acesso a um passado disforme que pode ganhar sentido nas mãos de pesquisadores, bibliotecários e leitores.

Lopes (2011) que, assim como Castro, considera bibliotecas, museus e arquivos como Instituições de memória, alega que tais entidades “têm a necessidade de otimizar as atividades de recolha de elementos dispersos pela memória viva que existe nos membros das comunidades” (LOPES, 2011, p. 7).

A fim de não estabelecer a sociedade do esquecimento em contraponto à sociedade do conhecimento, Castro (2006) pondera que é vital que sejam construídos, preservados e valorizados os “lugares de memória”. Essa construção depende do posicionamento dos profissionais da informação e dos agentes presentes no processo de construção, transmissão e produção do conhecimento, pois “mais do que se inserir num processo tecnológico, as bibliotecas têm que se debruçar num processo de reedificação do ser humano” (CASTRO, 2006, p. 15).

Diante do esclarecimento do autor sobre as bibliotecas e seus agentes na formação da identidade cultural de um grupo, resta ainda questionar as relações de patrimônio, memória e a virtualidade e traçar paralelos desses com os novos “lugares de memória” em ambientes online.

A princípio deve-se apresentar um conceito ainda não mencionado: o de patrimônio. Para Dodebei (2008, p. 2) este conceito “é adequado às ideias de: herança, tradição,

conhecimento, experiência, legado, vivência, entre outras expressões que denotam a ideia de transmissão natural da cultura, de uma geração à outra”. Já o patrimônio digital é:

[...] constituído por bens culturais criados somente em ambiente virtual ou por bens duplicados na representação da web e cobre materiais digitais que incluem textos, bases de dados, imagens estáticas e com movimento, áudios, gráficos, software, e páginas web, entre uma ampla e crescente variedade de coleções que representam desde objetos pessoais a acervos tradicionais de instituições de memória (DODEBEI, 2006).

Ou, resumidamente, o patrimônio digital é como um composto de informações que transitam no ciberespaço. Neste contexto, Rios (2007) lembra que os lugares de memória também se virtualizaram. Eles podem ser acessados pelos membros do mesmo grupo que o fomenta e servem como elemento fortalecedor de seus laços e identidade, assim como outros grupos ou pessoas que queiram acessá-los.

Ainda de acordo com o autor, os lugares de memória passam a assumir características próprias do ciberespaço e embora não tenha mais um referencial geográfico definido, encontram-se disponíveis em “outra medida de acessibilidade e a partir de outros meios que não o presencial” (RIOS, 2007, p. 2). Pode-se afirmar que o espaço da celebração e culto a memória é “uma maneira bastante eficiente de atualizar o passado, a identidade dos grupos e os valores vividos que se deseja transmitir para as gerações seguintes que se agregam ao grupo em questão” (RIOS, 2007, p. 6).

Cada vez mais são desenvolvidos artifícios sofisticados para conservar e disseminar a memória em textos e imagens. Segundo Kessel (2007), as novas tecnologias são capazes de guardar grandes quantidades de informações e abarcar todos os meios inventados anteriormente para registrar e armazenar a memória. O compartilhamento da memória cotidiana e informal, seja ela coletiva, histórica ou institucional, vem sendo feito com o uso dessas tecnologias, que registram e eternizam momentos históricos da sociedade. Crippa (2007, p. 121) nomeia essas tecnologias e as descreve dentro do contexto da memória:

Os Sistemas Artificiais de Memória (SAM), ou seja, todos os objetos materiais que permitem gravar, estocar, manipular, transmitir e ler a informação, libertaram o homem dos limites de sua memória biológica, e influenciam os mecanismos de tomada de decisão, enriquecendo qualitativamente a memória coletiva. De fato, graças aos SAM, podemos compartilhar lembranças que alguns jamais vivenciaram. Hoje em dia, quando se pensa nos suportes de registro digital, a referência à memória é constante como elemento quantitativo essencial para o armazenamento e a recuperação das informações.

O fato dessas ferramentas serem colaborativas faz com que as plataformas de compartilhamento fiquem voltadas para “um grupo minoritário ignorado pela história oficial,

[pois] possibilita a transformação de um “fazer memória” em um “fazer história”. (MAAZOUZI, 2011 apud DODEBEI; DOYLE, 2015).

Murray (2003) citada por Henriques (2014, p. 58) afirma que os “ambientes digitais são procedimentais, participativos, espaciais e enciclopédicos”. Para a autora, o ambiente digital pode fomentar o registro da memória cotidiana, como uma engrenagem, pois esse ambiente estimula a participação e a interação entre as pessoas. A internet possibilita a criação de narrativas em forma de mosaicos, formando justaposições e permite “uma leitura da memória social através das junções de seus vários pedaços”.

Como exemplo de plataforma de comunicação participativa, pode-se destacar o sistema *wiki*³, ou simplesmente *wiki*, “que compreende um site gerenciado por um programa de computador, o software *wiki*” (PROGRAMA..., 2015, p. 7). Eles são elaborados para auxiliar grupos na colaboração, partilha e construção de conteúdo online, sendo úteis para pessoas que estão separadas pelo tempo e espaço (LOPES, 2011).

A plataforma é um sistema criado para se tornar um repositório de conhecimento compartilhado. O site funciona a partir de uma divisão espontânea do trabalho, composta de contribuições individuais, geralmente pequenas, feitas por milhares de colaboradores que desempenham funções diferentes. Um usuário cria um artigo, sem precisar ser especialista no assunto e, em seguida, a comunidade de leitores o completa (VALIATI, 2014).

Uma das vantagens dessa ferramenta é que ela é informal e relativamente simples de usar. Lopes (2011) diz que tal fato permite que qualquer pessoa ou grupo restrito possa contribuir ou modificar o conteúdo e ainda possibilita aos utilizadores que não estão familiarizados com linguagem de programação a colaborar na criação.

Schons (2008, p. 83) explica a principal diferença dos *wikis* em relação a outras ferramentas 2.0:

As contribuições podem ser permanentemente revisadas pelos colaboradores conforme for sendo construída, permitindo o acompanhamento a todo o instante do progresso do trabalho. Essa característica fortalece a essência da colaboração, motivando os colaboradores a participarem ativamente do processo de “*inteligência coletiva*”.

Entende-se, portanto, que as ferramentas colaborativas como as *wikis* propiciam um ambiente necessário para a criação, colaboração e compartilhamento de conteúdo de forma interativa e participativa na internet.

³ Não há consenso no significado do termo *wiki* entre os autores pesquisados. Cavalvanti e Nepomuceno (2007) afirmam que o termo é uma sigla em inglês da frase “What I know is...” (O que eu sei é...). Já autores como Tapscott e Willians (2007), Shirky (2012) e a própria Wikipédia alegam que o termo é uma palavra havaiana que significa “rápido, ligeiro, veloz”.

3 O CAMINHO METODOLÓGICO

Dentre as possibilidades metodológicas a adotar-se para esse estudo utilizou-se a pesquisa-ação. Com este método buscamos compreender e interagir na realidade social desse grupo, visando criar a Rede de memórias, o protótipo de um produto de informação, comunicação e memória. As características desta metodologia adéquam-se a esta pesquisa de base teórico-empírica. Thiollent (2005, p. 16) esclarece:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativo da situação ou do problema estão envolvidos de como comparativo ou participativo.

A natureza colaborativa do produto final também se aplica à pesquisa, pois tal método “[...] exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja do tipo participativo” (THIOLLENT, 2005, p. 18).

Lima (2007) afirma que esta abordagem metodológica, quando aplicada à pesquisa em Ciência da Informação, apresenta soluções práticas e inovadoras diante do problema e resultados relevantes para a ciência, pois a pesquisa já foi aplicada e testada no mundo real.

Um dos primeiros autores a defender a aplicação dessa abordagem na CI, Wilson (1980 apud LIMA, 2007, p. 66) aponta características próprias da área em relação à pesquisa-ação como o fato da Ciência da Informação ser uma área multidisciplinar, por exemplo, e pelo fato de na área não ter [...] uma ‘teoria unificada’, isto é, os objetos de pesquisa são tão diversos [...] que são necessárias teorias de várias disciplinas para guiar uma pesquisa efetiva em cada ramo distinto da Ciência da Informação.

Em vista disso, esta pesquisa baseou-se também em outros métodos. Tal combinação foi encontrada em outras pesquisas científicas, principalmente nas áreas da Educação e História, sendo a última uma área afim com o tema pesquisado.

Uma das características da pesquisa-ação é o fato do método apresentar ciclos contínuos, porém Lima (2007) afirma que ainda não há consenso entre os autores sobre as etapas desses ciclos. Portanto, para este trabalho foram adotados os conceitos de Denscombe (2005) que ressalta que algumas pesquisas abordam acontecimentos únicos que não se repetirão futuramente. Para o autor, o ciclo é composto de cinco etapas:

[...] a partir da **Prática Profissional** é feita uma **Reflexão Crítica** identificando o problema ou avaliando mudanças. Na etapa da **Pesquisa** é realizada de forma sistemática com o rigor necessário e cujos achados são incorporados em um plano de ação na etapa de **Planejamento Estratégico**. A etapa final do ciclo é a **Ação** onde as mudanças são implementadas (DENSCOMBE, 2005 apud LIMA, 2007, p. 71-72, grifo nosso).

Em relação ao ciclo proposto por Descombe (2005), a prática profissional e a reflexão crítica já foram contempladas, haja vista que, na condição de bibliotecária no Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, a pesquisadora percebeu o problema central e propôs elaborar o projeto com objetivo de apresentar um meio para a criação de um "lugar de memória" digital para o grupo desta corporação.

Embora a pesquisa esteja voltada para a memória coletiva do efetivo do CBMSC, o tema a ser desenvolvido baseia-se na construção da memória da própria instituição e, portanto, é necessário conhecê-la. O CBMSC tem mais de 14 batalhões e diretorias por todo o estado, o que inviabilizaria a investigação no período proposto. Portanto, a delimitação para o estudo foi o Centro de Ensino Bombeiro Militar (CEBM), órgão responsável pela formação e aperfeiçoamento dos bombeiros militares do Estado e os indivíduos relacionados às áreas de pesquisa. Foi fundamental conhecer o organograma do CEBM e o quadro hierárquico da corporação do CBMSC como parte da memória e da história da instituição. O foco inicial foi entender sua estrutura organizacional e administrativa, além de elaborar um levantamento sobre a memória do bombeiro por meio de pesquisa documental da instituição.

Uma das motivações para a pesquisa foi a carência de registros históricos publicados sobre a corporação. Desta maneira, a pesquisa bibliográfica a respeito da memória e da história é bastante limitada. Como há poucos registros em documentos acerca da memória e história do CEBM, considerou-se que as pessoas que vivenciaram experiências na unidade são peças essenciais para o desdobramento deste trabalho. Portanto, para complementar a coleta de dados, foi utilizada, além da pesquisa bibliográfica e documental, a história oral.

A história oral destaca a riqueza e importância da memória dos sujeitos anônimos, pessoas comuns, sujeitos desconsiderados da história pelos historiadores convencionais (THOMPSON, 1992). Conforme Freitas (1992, p. 18) complementa:

A história oral possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Esse tipo de projeto propicia sobretudo fazer da história uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, mediante as suas referências e também do seu imaginário.

A visão de Michel (2009) sobre história oral é mais objetiva: diz que o método utiliza pessoas como fonte de informação, em relatos escritos ou falados, cuja experiência de vida esteja diretamente relacionada com o objeto de estudo. Diz ainda que a história oral: “procura obter impressões, depoimentos orais de pessoas que testemunharam acontecimentos importantes para a compreensão de fatos sociais e determinantes para a análise do tema estudado” (MICHEL, 2009, p. 55).

Nos projetos de história oral, Worcman e Pereira (2006) reconhecem três etapas essenciais no processo: **coleta; processamento; e integração, difusão e uso.**

A coleta consiste na delimitação do tema, levantamento das informações, escolha dos entrevistados, na preparação de roteiros de perguntas, no registro de entrevistas e na identificação de objetos, fotos ou documentos, caso existam (WORCMAN; PEREIRA, 2006).

Como instrumentos de coleta de dados, utilizando a história oral, foram realizadas entrevistas com integrantes preestabelecidos da corporação dentro das categorias propostas para a plataforma. Alberti (2013) ressalta que é preciso escolher os entrevistados a partir da sua posição no grupo e do significado de sua experiência.

Os entrevistados foram bombeiros militares selecionados devido às afinidades de suas atuações ao longo da história e também aos vínculos recentes com o CEBM. O objetivo foi apreender um registro e um entendimento desde a criação do CEBM, na emancipação do CBMSC em 2003, até o momento presente.

A etapa de processamento, de acordo com Worcman e Pereira (2006, p. 212), inclui a “transcrição e edição das entrevistas, digitalização de imagens, catalogação de material e inserção em banco de dados”, que, neste caso, foram feitas na própria ferramenta colaborativa. Ainda segundo os autores, a edição, nesse caso, consiste em transformar o texto transcrito em texto atrativo para ser lido.

Como o objetivo foi criar conteúdo para a plataforma digital, os dados das entrevistas foram fundidos com dados documentais, como discursos, boletins, imagens fotográficas cedidas pelos entrevistados, por exemplo. Percebeu-se que, na edição, houve uma grande interferência da pesquisadora, a fim de inserir na plataforma informações para a criação da Rede de memórias.

A etapa de integração, difusão e uso é o produto final da pesquisa. Worcman e Pereira (2006, p. 214) afirmam que “as histórias produzidas devem, de alguma maneira, retornar aos narradores e aos grupos das quais foram coletadas assim como devem ser integradas à memória da sociedade”.

O planejamento e implantação da ferramenta colaborativa na internet abrangem os dois últimos ciclos da pesquisa-ação. Nesta etapa foi necessário identificar e planejar quais os padrões adotados na ferramenta para que, então fosse estudado e escolhido o software a ser trabalhado. Questões como tipo de software, customização, e possibilidades da ferramenta escolhida foram pesquisadas para aplicação da plataforma.

Como conteúdo da ferramenta colaborativa, objetivou-se dividir a plataforma em quatro grandes categorias:

a) dados históricos sobre a estrutura organizacional e física de todos os componentes da unidade, informações sobre a identidade do Bombeiro Militar, as cerimônias, a mística militar e ritos, chamado de Institucional;

b) projetos e cursos desenvolvidos pelos bombeiros (o que são, onde ocorreram e quais resultados), denominado como Atividades;

c) na área Pessoas, estão reunidas informações sobre os alunos, efetivo orgânico e os colaboradores da plataforma;

d) fatos marcantes ocorridos na corporação, relatos de ocorrências relevantes ou de acontecimentos vivenciados na unidade, na área Depoimentos.

Além disso, a partir dos relatos foi possível fazer um mapeamento das fontes de informação e documentação do CEBM, isto é, criou-se a possibilidade de localizar documentos pertinentes à memória e história em posse do efetivo, como atas, fotos, boletins etc.

Como referências, os entrevistados (ou colaboradores, na fase posterior a essa pesquisa) têm também um espaço para sua descrição de vida enquanto profissionais, como um breve currículo. Com isso, objetiva-se fortalecer o sentido de pertencimento e autoria de cada integrante.

Entendemos que, para a utilização da ferramenta após pesquisa, será primordial a participação do grupo e, para isso, deverá ser feito um movimento de sensibilização no sentido afetivo e técnico para o uso da plataforma. Desta forma, fez parte do processo e dessa pesquisa a criação de políticas e diretrizes para utilização da Rede de memórias.

4 UM PROTÓTIPO DE “LUGAR DE MEMÓRIA” DIGITAL DO EFETIVO DO CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA

De acordo com os objetivos propostos para a pesquisa, a primeira ação foi conhecer a estrutura organizacional e administrativa do CBMSC. Assim foi possível determinar a delimitação da pesquisa, que no caso, foi a unidade voltada para o ensino na instituição, o Centro de Ensino Bombeiro Militar.

A unidade tem a missão de formar e aperfeiçoar todo o efetivo do CBMSC, na qual passaram ou passarão todos os homens e mulheres, representando e compartilhando a memória da corporação. É também no CEBM que o indivíduo oriundo do “mundo civil” tem o primeiro contato com o militarismo e suas tradições. Peculiaridades que instituem e caracterizam a identidade desse grupo, por essa razão, foi indispensável conhecer a estrutura, as pessoas e as histórias acerca do CEBM. A Biblioteca CBMSC acompanha o desenvolvimento e objetivos do CEBM, desenvolvendo atividades de mediação nos processos de busca da informação,

buscando inserir o aluno no universo da pesquisa acadêmica e preservando a memória da produção intelectual da instituição

Com os documentos disponíveis sobre a memória da corporação, das pesquisas informais e da convivência da pesquisadora com o ambiente, foram determinados alguns bombeiros militares que vivenciaram momentos relevantes no CEBM. Por meio da história oral obteve-se informações importantes sobre a construção da estrutura física e administrativa, dos personagens, dos eventos marcantes, das tradições e de elementos e símbolos que compõe a identidade desse grupo.

A partir dessas novas informações, foi possível obter o conteúdo para o desenho e a estruturação da Rede de memórias. As possibilidades para a implementação da plataforma colaborativa foram estudadas com base nestas informações e na fundamentação teórica.

Como um órgão estadual, o CBMSC é um grande entusiasta na utilização de software livre, pois defende a preferência desse tipo de software para as ações de tecnologia. A corporação possui na Divisão de Tecnologia da Informação (DiTI) uma equipe técnica qualificada e equipamentos atualizados para o desenvolvimento ou adaptação de softwares livres. Programas como o E-193 e o Firecast ⁴ foram desenvolvidos ou modificados no CBMSC e distribuídos para outras corporações. São utilizados para atendimento e gerenciamento de ocorrências ou para levar informação a comunidade, que pode baixar os aplicativos em dispositivos móveis.

A Biblioteca CBMSC também acompanha o uso de software livre para o desenvolvimento de produtos e serviços. O Joomla, como sistema de gerenciamento de conteúdo para o portal; o Gnuteca para gestão da Biblioteca e o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) para o gerenciamento da revista científica são exemplos desse tipo de software. São utilizados principalmente na divulgação da produção científica do CBMSC e contribui no processo para tornar a informação pública e significativa. (PORTO; VICENTE, 2015).

Como um produto da Biblioteca, a definição do software para desenvolvimento da Rede de memórias deveria atender as características mencionadas. Para tal escolha foram pesquisados softwares que tivessem também o caráter colaborativo, primordial para a proposta dessa pesquisa.

O software escolhido foi o MediaWiki, sistema que vem sendo usado na criação colaborativa do conhecimento. Schons (2008) o considera o mais sofisticado para atuar no

⁴ <http://www.cbm.sc.gov.br/softwarelivre>

suporte a Gestão do conhecimento, além de ser amplamente testado e, portanto, já conhecido e estável.

Percebemos que, pelo fato do mecanismo ser empregado em grandes projetos e ser consolidado, há uma grande comunidade para elucidações de suporte e uma vasta documentação em português, características significativas para um software livre. O programa é gratuito para servidores de internet e disponível sob a licença GNU GPL (Licença Pública Geral).⁵

O Mediawiki é uma poderosa ferramenta que se baseia no conceito de software livre [...]. Possui uma interface amigável de uso, transpondo-se de forma flexível aos usuários, não exigindo nenhum conhecimento profundo em informática para ser utilizada (SCHONS, 2008, p. 86).

Utilizamos também extensões próprias do software que ofereceram algumas funcionalidades para melhor funcionamento. A fim de facilitar a montagem da Rede de memórias, realizou-se um desenho do conteúdo, organizando as informações contidas em cada categoria e nas páginas⁶.

Com a intenção de agrupar os assuntos definimos categorias para absorver o conteúdo das entrevistas, da pesquisa bibliográfica e documental e ordenar as páginas e assuntos. As categorias são: Institucional (com subcategorias Estrutura e Identidade BM), Atividades (com a subcategoria Cursos), Pessoas e Depoimentos.

O MediaWiki foi customizado de acordo com as categorias e com a identidade visual do CBMSC, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 – Página principal da Rede de memórias



Fonte: dados da pesquisa

⁵ Sistema operacional designado Software Livre.

⁶ Para cada tópico pode ser criada uma página, como se fosse um artigo por assunto. Elas são interligáveis e podem ser colocadas sob categorias.

Para que os textos inclusos no *wiki* fossem mais atrativos, as transcrições das entrevistas passaram por uma edição. Esperamos que desta forma os leitores/colaboradores sintam-se à vontade para acrescentar mais conteúdo aos textos já elaborados ou para criar novos a partir de suas memórias. Algumas fotografias obtidas com os entrevistados também foram adicionadas na plataforma.

Ao findar da estruturação da plataforma, apresentamos as estratégias de divulgação e sensibilização para os colaboradores, além de a constituição de indicadores para uma futura avaliação. A última ação foi a criação de diretrizes para a utilização da Rede de memórias. Algumas delas foram absorvidas das características do MediaWiki e baseadas nas recomendações de uso da Wikipédia, enciclopédia que também usa este software. Outras são decorrentes do Regulamento disciplinar próprio da instituição e da forma como se espera que este *wiki* seja elaborado pelos colaboradores.

Desta forma, esperamos que a Rede de memórias tenha um crescimento constante e ininterrupto, garantido pelo modo colaborativo da plataforma e na certeza de que os colaboradores sugiram melhorias e promovam mudanças quanto aparência, conteúdo ou formas. Nesta condição, eles poderão apresentar contribuições quer de técnica ou de gestão das memórias do bombeiro do estado de Santa Catarina. A colaboração deve ser contínua para que o conhecimento desse grupo seja compartilhado e absorvido por todos no CBMSC.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aventurar-se na construção de um “lugar de memória” digital, que abrange diferentes campos do conhecimento como História, Sociologia, Tecnologia, entre muitos outros, transforma a pesquisa em algo desafiador e ao mesmo tempo enriquecedor. Pesquisar algo como a memória, que não se encontra em livros, documentos, onde os resultados se constroem por várias mãos, por diferentes vozes, diferentes sujeitos, sentimentos e subjetividades, faz compreender o poder que a comunicação verbal e não verbal (gestos e expressões) tem em nossas vidas. Entendemos que, para além da posição de expectador, o pesquisador deve ocupar o papel de protagonista, atuando como um cronista dos acontecimentos e compartilhando-os.

Este artigo teve como objetivo apresentar a proposta de um protótipo de “lugar de memória” digital do efetivo do CBMSC, constituído a partir de ferramentas colaborativas na internet. Partindo do pressuposto que as unidades de informação são consideradas como “lugares de memória”, a Biblioteca CBMSC serviu como aporte para construção do protótipo, nomeado como Rede de memórias.

A Rede de memórias servirá para que o efetivo do CEBM possa armazenar e divulgar suas memórias e assim construir a história da instituição. Como já mencionado, há poucos suportes para tais atividades e este produto, por ser colaborativo e na internet, possibilitará que todos tenham a oportunidade de participar, independente da hierarquia militar ou região geográfica. Cada indivíduo passará a ser autor da história dessa comunidade e da própria instituição. A memória poderá ser construída a partir de diferentes visões, tornando este processo mais democrático e conferindo aos indivíduos o fortalecimento do senso de pertencimento dentro desse grupo, para que possam refletir sobre o papel da memória no contexto institucional.

Os Bombeiros Militares, ao terem conhecimento do funcionamento, estrutura e alcance de um software *wiki*, poderão ainda utilizá-lo em outros projetos voltados para a gestão do conhecimento, por exemplo. É notória a necessidade na instituição de tais projetos, visto que exista apenas uma iniciativa voltada para este fim, utilizada de forma interna no setor de tecnologia. Desta forma, a Rede de memórias, servirá também para ajudar a divulgar o uso do software *wiki* para todo efetivo do CBMSC.

Durante a construção do estudo surgiram algumas limitações, não impossibilitando de fato a pesquisa, mas que precisam ser registradas a fim de buscar-se soluções ou até mesmo possibilitar a continuação deste estudo.

Uma delas diz respeito ao software MediaWiki, que apesar de já ser consolidado, amplamente usado e com uma grande comunidade para elucidação de problemas, apresenta-se como um sistema de difícil customização, necessitando de pessoas na área da Tecnologia da Informação para executar alguns ajustes.

Ainda sobre o software, podemos dizer que ele atende ao que se propõe: ser um sistema em que o conteúdo possa ser construído colaborativamente. Mesmo suportando a inserção de imagens ou vídeos, a busca costuma não ser tão precisa e a recuperação da informação é prejudicada. Para tanto, seria pertinente a combinação com outro software que garantisse o armazenamento, gerenciamento, preservação e visibilidade desses arquivos digitais. Portanto a utilização de um repositório auxiliaria também a organizar tais registros e contribuir para a preservação da memória.

Em relação aos estudos a respeito da memória na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, esses são, na sua maioria, voltados para as questões teóricas. As pesquisas apontam para relações com temas como a Gestão do Conhecimento, a peculiaridade das unidades de informação como “lugares de memória” e o papel do bibliotecário nesse contexto. Há estudos ainda sobre temas mais atuais, como a virtualização da memória e dos “lugares de memória”,

por exemplo. Embora existam propostas práticas e estudos nas áreas sobre a utilização de *wikis*, estas estão voltadas para instituições públicas ou privadas, priorizando projetos de gestão do conhecimento.

Neste sentido, consideramos necessário relacionar a Biblioteconomia e Ciência da Informação cada vez mais com História e a Comunicação Social, pois são nessas áreas que se encontram as aplicações significativas de projetos consolidados que visam preservar, organizar e disseminar a memória na internet. Como esta pesquisa apresentou um produto final – o protótipo e “lugar de memória” digital – acreditamos que poderá incentivar novos estudos e aplicações a respeito da construção da memória de forma colaborativa.

Utilizar a memória como fonte de pesquisa se torna um desafio uma vez que ela está sempre em construção e suscetível a mudanças no decorrer do tempo. Portanto quando se constrói um “lugar de memória” é preciso ter a consciência que este é o começo de um trabalho que não tem fim, uma vez que a memória diz respeito sempre ao tempo presente.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

CASALEGNO, Frederico. **Memória cotidiana**: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CASTRO, César Augusto. Biblioteca como um lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O nome da Rosa”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n esp., p. 01-20, 2006.

CRIPPA, Giulia. Os “lugares da memória”: dispositivos ideológicos, esquemas tópicos e sistemas classificatórios. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO; Asa; NORONHA, Daisy Pires (Orgs.). **Informação e Contemporaneidade**: perspectivas. Recife: NÉCTAR, 2007.

DENSCOMBE, M. **The Good Research Guide**: for small-scale social research projects. 2. ed. Buckingham: Open University Press, 2005.

DODEBEI, Vera. Patrimônio e memória digital. **Morpheus Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, v.4, n. 8, 2006. Disponível em: <<http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm>>. Acesso em: 18 set. 2015.

_____. Patrimônio digital virtual: herança, documento e informação. REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26. 2008, Porto Seguro, BA. **Anais...** Porto Seguro, BA, 2008.

DODEBEI, Vera; DOYLE, Andréa. Memória do corpo e ciberespaço em diálogo. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 77-90, maio 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais**. 2014. 161 p. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva: Século XXI**. Museu da Pessoa, 2007. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

LIMA, João Alberto de Oliveira. Pesquisa-ação em Ciência da Informação. In: MULLER, Suzana Pinheiro Machado. **Métodos para pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 63-82.

LOPES, Celso Farias Duarte. **A construção de uma memória colectiva com recurso a mashups web 2.0: o caso do Sport Lisboa e Benfica**. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação Multimédia) - Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro. Aveiro, 2011.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 2. ed. atual.ampl. São Paulo: Atlas, 2009.

MURGUIA, Eduardo Ismael. Apresentação. In: _____ (Org.). **Memória: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus**. São Carlos: Compacta, 2010. p. 7-9.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Brasil, n.2, p. 200-212. jun. 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/1941/1080>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

PORTO, Marchelly Pereira; VICENTE, Natalí Ilza. O uso de software livre na gestão de bibliotecas: o caso da Biblioteca do Centro de Ensino do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16. 22 a 24 de julho de 2015, São Paulo. **Anais eletrônico...** São Paulo, 2015. Disponível em: <http://siscone.com.br/Uploads/CBBD15/Trab14400208920150331_000000.pdf>. Acesso em 3 fev. 2016.

PROGRAMA Catalisador da Wikimedia no Brasil. **Wikipédia de A a Z**. [S.l.]: Wikimedia do Brasil, 2015. Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ad/Wikipedia_AZ_v01.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

RIOS, Diogo Franco. Lugares de memória e o ciberespaço. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: PODER, CULTURA E DIVERSIDADE, 3, 2006, Caetité, BA. **Anais...** Caetité, BA: UNEB, 2007. Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/diogo_franco.pdf>. Acesso em: 20 ago 2015.

SCHONS, Claudio Henrique. A contribuição dos wikis como ferramentas de colaboração no suporte a gestão do conhecimento organizacional. **Informação & Sociedade**, v. 18, n. 2, p.79-81, 2008. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1706/2112>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. 2007. 246f.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

_____. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.3, set./dez 2010. p.67-86. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n3/05.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo, Cortez, 2005.

VALIATI, Vanessa Amália Dalpizol. Memórias Coletivas e Processos Colaborativos: o caso do filme A Life In a Day. **Revista Temática**. ano 10, n. 1, jan. 2014. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2014/Janeiro/memorias_coletivas_filme.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2014.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Coord.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.